

CAMARGO, Zeca. **Elza**. 1º ed. Rio de Janeiro: Leya, 2018, 384 p.

ELZA

Jonas Alves da Silva Junior¹
Leandro Rodrigues Nascimento da Silva²



O livro que ora apresentamos ao leitor é uma biografia das melhores já lançadas no Brasil em 2018. A obra foi escrita por Zeca Camargo e conta com profundidade particularidades da vida, da obra e da trajetória de uma das maiores – talvez a maior – cantora negra latino-americana: Elza Gomes da Conceição, ou melhor, Elza Soares. Proclamada pelos/as fãs como um patrimônio imaterial da cultura negra, a artista tem a sua carreira escrita em 384 páginas de maneira lógica, leve, ousada,

questionadora, inspiradora e publicada pela editora Leya. O biógrafo Zeca, que relatou ser um privilégio luxuoso poder esquadrihar por minúcias a vida da cantora, divide a obra em 17 bem detalhados capítulos. Ao abrirmos o livro, logo nos deparamos com uma imagem de São Jorge montado num cavalo: santo de devoção de Elza. Após essa imagem, a obra traz uma foto com foco no rosto e no olhar penetrante da cantora, um convite visual, imagético para que juntos possamos descobrir as muitas “Elzas” que cabem em uma só.

A vida da artista precede a teoria e se torna a “prática teórica”: a prática que cria ou que é a própria teoria, não a teoria que estuda e concebe a prática. Suas vivências narram nas entrelinhas a luta feminista das mulheres negras, a pedagogia das ruas e das inter-relações pessoais. No capítulo 1, Zeca Camargo se preocupa em descrever como foi o nascimento da cantora no bairro de Padre Miguel, no subúrbio do Rio de Janeiro. Lá ela morou quando ainda era pequena, mas não demorou muito para ter de se mudar com a família para um bairro próximo chamado Bangu. O motivo da mudança foi que seu pai

¹ Doutor e pós-doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); Professor do Departamento de Educação e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Graduando em Letras-Português pela UFRRJ; Colunista da Revista África e Africanidades.

trabalhava numa fábrica têxtil neste último bairro, a Fábrica de Tecidos Bangu. Hoje ela já não existe mais, virou um shopping center. A mãe de Elza auxiliava nas despesas da casa lavando roupas para fora, uma mulher negra que sempre estava muito ocupada trabalhando pesado para ter o mínimo possível para viver com a sua família.

No quintal da casa em Bangu “[...] a menina de quatro anos brincava, quando uma vaca que andava solta aterrorizando a vizinhança se aproximou.” (p. 18); ao ver a cena, a mãe e a severa avó materna de Elza, Dona Cristina, soltaram estridentes gritos de desespero, o que fez com que a cantora jamais esquecesse esse fato, pois pensavam que a pequena menina seria vítima fatal do animal. Para Elza, que vivia livre a brincar com os animais, a presença da vaca sequer fora percebida. A menina não parou de brincar e só se atentou à presença do animal quando recebeu algumas lambidas no rosto. Para ela, essas lambidas eram uma espécie de “unção”. Mas ao redor a gritaria era cada vez maior, e sem nem sentir, as mãos de sua mãe já estavam em suas costas levando-a para longe daquele animal de fama feroz.

Esse episódio aconteceu antes que Elza começasse a ter “visões”, “mensagens” que, segundo seu relato ao biógrafo, são reais e determinantes em sua trajetória. O capítulo 1 continua a nos contar que quando ela tinha apenas 5 anos, na casa em Bangu, fora acordada numa noite por São Jorge. Na visão relatada, o santo católico vinha acompanhado de um caboclo “bem fechado”, cada qual em um cavalo; num primeiro instante Elza quis dialogar com o caboclo, deixando São Jorge de lado, mas aquele primeiro não estava a fim de papear com a menina. Com o caboclo apático, ela se dirigiu ao santo católico com um pedido, desejou que o seu pai não lhe batesse tanto, em contrapartida ela jurou não aprontar muito. Porém, em tom de profecia, segundo o relato, o santo disse que ela apanharia muito sim, e Elza conclui: “Mal sabia que ele queria dizer que eu iria apanhar mais da vida do que do meu pai.” (p. 20).

A religião, de acordo com o capítulo 1 da biografia, sempre esteve muito presente na vida da família de Elza, com destaque para o espiritismo do senhor Avelino, seu pai. A narrativa do capítulo segue acionando memórias da cantora da época em que ela ainda criança participava das reuniões espíritas realizadas em sua casa. Reuniões enredadas por ladainhas e preces ministradas por um homem de alta estatura chamado João Magro. A Igreja era bem menos visitada pela família Soares. Ainda no capítulo ora descrito, um fato curioso nos chama a atenção: por um período considerável de tempo, Elza Soares e a sua

mãe, Dona Rosária, foram as únicas responsáveis por sustentar os gastos com alimentação da família. A cantora possuía 5 irmãos, um total de 6 com ela; o seu pai, seu Avelino, havia ficado doente na pedreira onde depois passou a trabalhar, preocupada com a situação em casa, vendo a sua mãe lavar mais roupas para fora do que podia, ela teve uma ideia: iria para a rua – escondida dos pais – se passar por pedinte a fim de conseguir alguns trocados que pudessem ser gastos com comida.

Assim ela deu início ao plano; foi para o portão da frente da casa, minuciosamente buscou seu alvo e avistou um homem bem-vestido; ela abriu um berreiro, chorava de mentira, porém as lágrimas que vinham do íntimo eram muito verdadeiras; o homem, comovido com a situação, foi-lhe ao encontro indagar-lhe sobre o que se passava; Elza disse que saiu de casa destinada a fazer compras para a sua mãe, mas no meio do caminho ocorreu-lhe de perder o dinheiro; “A gente está passando fome em casa” (p. 28), ela acrescentou para mais estarrecer o engravatado; compassivo, o homem tirou da carteira o que a cantora lembra ter sido um valor de 20 mil-réis, feliz e satisfeita, ela foi ao armazém, comprou tudo o que precisava e um pouco mais, teve de pedir ajuda para carregar tudo e, chegando em casa, sua mãe ficou desorientada com aquela situação. Muitas eram as perguntas, mas o fato é que Elza, na prática de vida, nos mostra que uma mulher negra vai à luta cedo. Muitas – assim como ela, sua mãe e sua avó – sustentam famílias inteiras neste mundaréu chamado Brasil.

No capítulo 2, Zeca Camargo nos conta um pouco mais sobre o casamento precoce e complicado que Elza Soares teve de encarar. Fruto de uma briga entre crianças – ela com 13 anos e o seu futuro marido, Alaordes, também um garoto – que após tapas, empurrões, e um corte na perna, o pai de Elza, seu Avelino, pensou ser o desposar de sua filha e obrigou-a casar-se com o jovem Alaordes. Casados na Igreja, os dois também foram obrigados a casarem-se no civil, lavrando certidão num cartório em Nova Iguaçu. Aos 14 anos – sim, aos 14 – Elza teve o seu primeiro filho de um homem que ela detestava. Ela era ainda tão pueril que considerava seu filho (João Carlos) um boneco de verdade. O capítulo 2 se encerra com Elza mostrando seu interesse pelo mundo da música já adolescente. De alguma forma, com o passar dos anos, segundo ela, o seu bilhete premiado seria a música. A música a tiraria da dependência de Alaordes e da vida simples que ela levava em Água Santa, onde residia com o filho e com o marido.

No capítulo 3 a biografia vai se preocupar em dizer qual foi a porta de entrada para o mundo da música pela qual a cantora entrou: a porta foi um programa da Rádio Tupi, intitulado “Calouros”, cujo apresentador se chamava Ary Barroso. Sem roupa para comparecer no programa, Elza pegou umas roupas de sua mãe, que eram bem maiores que as dela, e vestiu-as pregadas em alfinetes. Ao entrar no palco, esdruxulamente trajada, mal-ajambrada, era o melhor que aquela jovem simples de Água Santa podia oferecer. O público riu dela, e, seu Ary, também conhecido pelas galhofas que fazia e pelo sarcasmo com o qual tratava os calouros, encetou uma pergunta desconcertante: “Então, agora me responda, menina, de que planeta você veio?” Elza: “Do seu planeta, seu Ary! [...] Do planeta fome.” (p. 66). Não teve jeito, após Elza se apresentar o apresentador disse que ali nascia uma grande estrela – acertou na mosca! Seguindo, chegamos ao pequeno, mas não menos importante capítulo 4, o qual faz um breve passeio sobre o sucesso que se seguiu dali, do show de calouros na Tupi, em diante. Nessa parte da obra Elza relata como foi subir ao palco do teatro João Caetano, pela primeira vez, no centro do Rio, para cantar no espetáculo *É tudo Juju-Frufrú*. Esse capítulo é importante para a narrativa porque mostra como Elza foi, novamente, tomando a responsabilidade de manter financeiramente a sua casa. Seu marido, Alaordes, com problemas de tuberculose, trabalhando na mesma pedreira que o pai de Elza, teve de se ausentar por diversos períodos, ficando em casa sem receber um tostão. Era com o dinheiro que ganhava cantando que a artista bancava a simples vida que levava com o marido, ainda nada luxuosa.

O capítulo 5 aborda uma fase promissora e tensa na vida da cantora. Elza sai do Brasil a convite de Mercedes Baptista e vai cantar na Argentina, sua primeira viagem internacional. Na capital, Buenos Aires, ficou conhecida como aquela que levou nosso samba brasileiro para *los hermanos*. Os espetáculos começaram bem, mas aos poucos foram escasseando, e Elza, sem dinheiro para retornar ao seu país, ficou fora 1 ano. Lá na Argentina se preocupava com seu pai e seus filhos, pois ela já havia tido outras crianças mais. Numa noite, teve mais uma de suas visões: sonhou que seu pai estava partindo e passou para se despedir dela. A visão, segundo o relato de Elza, fora vivida acordada, ela não dormia quando isso lhe ocorreu. Passados alguns meses, um grupo de músicos brasileiros que estava em turnê pelo país, e que conhecia a família da artista, deu-lhe a fatal terrífica notícia: o pai dela, seu Avelino, havia falecido. Após algum tempo ela conseguiu retornar ao Brasil. Quando chegou encontrou seus filhos sendo cuidados por sua

mãe, e seu marido Alaordes internado em um hospital no qual ela não tinha coragem de pisar os pés. Aliás, ele nunca significou para ela um marido de fato, muito pelo contrário, era agressivo, violento e abusador.

O capítulo 6 mostra como Elza, sozinha e agora totalmente dona do lar, passou a se virar cantando na noite, enganando a mãe – que não queria que sua filha cantasse em boates – e pegando trens desertos do subúrbio do Rio em direção à Capital, para depois pegar uma condução até o Leme, praia que fica vizinha à Copacabana, e começar a cantar no Texas Bar às 22h. Para cumprir com seu horário, ela saía de casa todo dia às 18h. A volta pra casa era um perigo e um sofrimento psíquico para uma mulher jovem, negra, e muito bonita. Elza temia ser vitimada por algum homem abusador, mas o jeito era se insurgir e enfrentar a vida tal qual ela era: com seu machismo que circunscreve qual é o melhor horário para que uma mulher saia de casa e qual o melhor horário para que ela retorne. O capítulo 7 é o mais forte de todos. Ele descreve passo a passo como Elza foi vítima da mais severa e inaceitável violência doméstica. Um dia, sem menos esperar, o marido de Elza, que estava internado tratando de tuberculose em Curicica, apareceu-lhe na rua de casa. Elza conta que tremia, e a sua boca secou de medo pelo que poderia acontecer. Sabendo que ela estava cantando na noite, por puro preconceito e machismo, ele a puxou pelo braço e mandou que ela abdicasse de sua carreira. Sem obter resposta favorável, Alaordes tirou da beira da cinta da calça uma arma e deu dois tiros em Elza. Um passou de raspão pelo braço, o outro tiro se perdeu no ar. A cantora diz nesse capítulo ora citado que o que a livrou foi a mão de São Jorge. O agressor sumiu, mas tempos depois Elza ficou sabendo que ele havia morrido, *causa mortis* tuberculose pulmonar. Fora sepultado aos 36 anos em Jacarepaguá. Deixou Elza sem nenhuma pensão, sem nenhum bem e quatro filhos para criar.

No capítulo 8, Elza Soares narra os detalhes de sua paixão pelo jogador Mané Garrincha, e da honra que teve – já muito famosa – de ter sido convidada para ser a madrinha da Seleção Brasileira na Copa de 1962. Ser madrinha da Seleção era o mesmo que quebrar mais um paradigma no Brasil: era mostrar que o futebol também era coisa de mulher. As tensões desse amor serão desenroladas por minúcias no capítulo 9, o qual contextualiza a vida de Elza e Garrincha como num inferno dantesco nas décadas duras da Ditadura Militar. O moralismo da época fez com que a casa de Elza, na Ilha do Governador com o jogador, fosse invadida numa noite pelos agentes do próprio governo. A questão

toda era porque Mané era casado no civil com outra mulher, mas que não viviam há tempos de corpo presente. Todavia, como Elza estava em evidência e alguns jornais tendenciosos queriam uma notícia que lhes rendesse bons números de exemplares vendidos, a vida de Elza foi o bode expiatório, com uma dose não menos fraca de racismo, da vez para agitar o cenário social. Cenário eivado de sentimentos conservadores e da boa conduta dos “cidadãos de bem”. Com medo, após sofrer várias agressões também na rua, Elza se viu obrigada a ir morar na Itália, exilada.

O capítulo 10 mostra que o que de fato chamou mais a atenção da Ditadura e do público em geral para o casal foi uma festa luxuosa que a cantora resolveu dar em sua casa. A mídia já havia batido muito nos dois e Elza pensou que fazendo uma boa festança, chamando alguns jornalistas para fazer a cobertura e pessoas importantes da cena carioca, a situação dela e de Garrinha mudaria de figura. O efeito parece ter sido adverso do que se pensara. O capítulo 11 é todo dedicado a mostrar como o casal passou a viver bem fora do Brasil. Não menos tenso que as outras partes da obra, ele também mostra a decadência da carreira de Mané Garrinha, que fora pouco a pouco perdendo seu brilho. Quem mais uma vez passou a sustentar a casa? Sim, não errou se disse que foi Elza Soares. No Brasil ou fora dele as mulheres negras batalham por si e pela Humanidade. No capítulo 12 o livro se propõe a narrar o nascimento do filho do casal. O filho que salvaria Mané do vício do alcoolismo mas que na verdade fez com que ele bebesse muito mais para “agradecer”.

O capítulo 13 é dedicado a mostrar o fim do término do relacionamento de Mané e Elza. Certo dia embriagado, e com Elza no pé pedindo para que o jogador parasse de beber, Garrinha não se conteve e deu um tapa no rosto de sua esposa. Elza Soares havia jurado para si mesma que nunca mais passaria por aquilo. Deixou-o sozinho e se mudou para um apartamento em Copacabana. A notícia da separação foi mais um alarde e ensejadora de assédios por parte de jornalistas que queriam a todo custo entrevistas. Sem aceitar o fim do relacionamento, Garrinha chegou a ir até a casa de Elza e a arrombar seu apartamento, ela teve que sair fugida e chamar a polícia, que lhe negou proteção. No capítulo 14 a biografada faz uma reflexão sobre o ser vista como uma “coitadinha”. Ela não aceita essa nomenclatura. Nesse capítulo ela rememora como foi difícil criar sozinha os filhos deixados por Alaordes, e o filho deixado pelo Mané. Lutando só, a obra chega ao capítulo 15, e a vida da artista permanece um campo de guerra. Com narração entrecortada, Elza relata alguns percalços em sua vida que lhe doeram como nunca. Ela

relata a morte de seu filho com o Mané, as muitas perdas que teve de amigos para a AIDS, que chegava com força no Brasil, e relata sua proximidade com grupos de gays e de travestis.

No capítulo 16 – uma parte de prenúncio do fim da boa história narrada – Zeca começa ele mesmo refletindo sobre como foi escrever a vida de Elza e nos conta, juntamente com os relatos da artista, como foi que ela descobriu e enfrentou um grave problema de saúde na coluna, no ano de 2007. O livro termina da mesma forma que iniciou: muito interessante! O último capítulo conta que até um incidente de avião, em 2017, Elza enfrentou com a sua equipe a caminho de uma turnê em Nova York. Com uma pane em uma das turbinas, o avião conseguiu pousar e Elza, não menos corajosa do que antes, pegou o voo seguinte para os Estados Unidos da América a fim de se apresentar como havia combinado com o contratante. Assim, concluímos que a obra é muito importante para nos mostrar como uma biografia, uma história de uma mulher negra pode nos trazer ou acionar conceitos e debates teóricos de complexidade, mas que aqui, na história de Elza Soares, se mostram de forma substantiva. Salve sempre a nossa maior cantora latino-americana negra: Salve Elza Deusa Soares!